

PRÁTICAS DE CURAS REALIZADAS PELO MENSAGEIRO DO ANJO SÃO GABRIEL EM DOM MACEDO COSTA-BA - 1967 A 2009.

Wilma Santos de Santana Souza¹

No Brasil, falar de religião significa adentrar num mundo mágico, eclético, cheio de simbolismos, formado a partir de uma realidade multi-étnica, misto de um catolicismo implantado por Portugal e as crenças, mitos² e ritos africanos e indígenas, polarizando e mesclando o oficial/popular, o sagrado/profano nas diversas realidades, onde se evidencia um hibridismo cultural³, desde o período colonial até os dias atuais. Assim, se manifesta a fé de muitas pessoas, nos anjos⁴ e santos, fortes intercessores e médicos do dia-a-dia que respondem com milagres e bênçãos, promessas e preces, seja nos santuários ou no mais simples oratório familiar.

Assim, observa-se que muitas pesquisas estão voltadas para o estudo da religiosidade brasileira, estendendo-se para diversas épocas, espaços e aspectos. Como afirma Torres-Londoño:

Estas pesquisas tratam das práticas, das crenças e dos significados de devoções consagradas e reconhecidas nacionalmente, como Bom Jesus dos Matosinhos, o Bom Jesus de Porto das Caxias(...) Também se tem estudado cultos locais que inspiram rituais e atos de veneração e devoções tanto na área urbana como nas grandes cidades⁵

Nesse sentido, percebemos como as devoções populares vão ao longo do tempo se conservando, mas também se reinventando e transformando. São elementos característicos da cultura de um povo, que se forma misturando vários aspectos. Segundo Thompson:

(...) “cultura” é um termo emaranhado, que , ao reunir tantas atividades e atributos num só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o

¹ Mestranda em História Regional e Local - Uneb e-mail wilmasouza_28@yahoo.com.br

² Os mitos aqui citados se referem as idéias de Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*.

³ Para Peter Burke todas as culturas estão envolvidas entre si e nenhuma delas é pura, todas são híbridas, heterogêneas.

⁴ O catecismo da Igreja Católica afirma que esta se associa aos anjos “para adorar o Deus três vezes santo”, festejando, principalmente, a memória dos anjos S. Rafael, S. Gabriel e S. Miguel.

⁵ TORRES-LONDOÑO, Fernando. “Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro”. In: **Revista Projeto História**, nº 21. São Paulo: PUC- SP/Programa de Pós-Graduação em História, novembro de 2000. 247-248.

desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e do trabalho.⁶

Definir o termo cultura é uma tarefa muito complicada, pois a partir dos estudos baseados na Nova História Cultural, a noção de cultura tornou-se muito ampla, sendo que “ O estado, os grupos sociais e até mesmo o sexo ou a sociedade em si são considerados como culturalmente construídos.”⁷ Nessa utilização tão ampla do conceito de cultura, devemos ter sempre o cuidado de nos perguntar sobre o que não deve ser considerado cultura numa sociedade.

Considerados como fortes representações culturais, a veneração e o culto aos santos são preservados em vários lugares no Brasil. As devoções aos santos e anjos, esses intercessores do cotidiano, ocorrem das mais variadas maneiras e se manifestam, principalmente através da busca por milagres.

Nessa perspectiva, observamos as práticas de curas operadas por Seu Martins Góis Silva em “Riachão dos Milagres”⁸, área rural da cidade de Dom Macedo Costa, no Recôncavo Sul da Bahia, há cerca de quatro décadas. Denominando-se como “Mensageiro do Anjo São Gabriel”⁹, sendo oriundo de Dom Macedo Costa, Seu Martins Góis afirma ter recebida em 1967, quando morava em São Paulo-SP uma missão de curar cegos, aleijados e tuberculosos na região, o que levava pessoas do próprio município e de municípios circunvizinhos, principalmente das áreas rurais, a procurar suas práticas de cura. Com a utilização de água e orações e se opondo veementemente aos curandeiros e benzedeiros da região, Seu Martins Góis Silva atraía muita gente, conforme narra Dona Celina Francisca de Souza: “Mais ou menos no ano de 72, a gente ficou sabendo da existência desse homem que na Igreja do Anjo São Gabriel curava usando água. Somente água e fazendo oração”.¹⁰

Como mostra o depoimento de dona Celina Francisca, o povo que buscava as práticas de cura de Seu Martins Góis da Silva, não as associava ao curandeirismo e sim as observava de maneira incontestavelmente católica, dentro dos padrões exigidos pelo catecismo da Igreja. O fato de Seu Martins Góis também se reconhecer somente

⁶ THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. São Paulo. 1998, p.22

⁷ BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo. 1992. P.23.

⁸ Nome dado por Seu Martins Góis Silva, ao lugar onde se localiza a igreja do anjo Gabriel, na zona rural da cidade de Dom Macedo Costa-Ba.

⁹ Título dado pelo próprio senhor Martins Góis Silva a sua missão.

¹⁰ Depoimento de Dona Celina Francisca de Souza, 60 anos, ex-lavradora, moradora da zona rural de Varzedo. Entrevista realizada em 08/04/2008.

enquanto católico confirma as idéias de Carlos Rodrigues Brandão sobre o catolicismo popular:

Ao se reconhecerem indiscutivelmente como católicos, e no horizonte, subalternos à palavra do padre e ao domínio da Igreja, os sacerdotes populares, ao mesmo tempo, negam a legitimidade e a existência possível de uma igreja popular e paralela, na medida em que reproduzem um sistema religioso católico, comunitário e relativamente autônomo, nos limites da classe e do espaço camponês.¹¹

Nesse sentido, as curas realizados por Seu Martins Góis Silva, em “Riachão dos Milagres”, atraía a partir do final dos anos 60 muita gente da região, principalmente pela maneira com que as curas eram realizadas e por ter a intercessão do anjo Gabriel, já que a procura interventora dos anjos e santos e seus milagres é comum dentro do catolicismo popular brasileiro desde o período colonial, já que possui fortes heranças lusitanas. Segundo Gilberto Freire:

[...] O próprio sistema jesuítico, no que logrou maior êxito no Brasil dos primeiros séculos foi na parte mística, devocional e festiva do culto católico. Na cristianização dos caboclos pela música, pelo canto, pela liturgia, pelas procissões, festas, danças religiosas, mistérios, comédias; pela distribuição de verônicas com Agnus Dei, que os caboclos penduravam no pescoço, de cordões de fitas e rosários; pela adoração de relíquias do Santo Lenho e de cabeças das Onze mil Virgens.¹²

O espaço da Igreja do Anjo São Gabriel, torna-se na visão de Certeau “o lugar praticado”¹³, no qual as pessoas com suas práticas e vivências cotidianas modificaram esse lugar, transformando-o em um espaço de sociabilidades. Essas sociabilidades têm relevância incontestável na delimitação da região a ser estudada. Segundo Silva:

Elementos essenciais da definição de região são, em primeiro lugar, um território delimitado, passível de ser concebido como decomponível em subregiões, e, em segundo lugar, um sistema de valores e interesses que dá forma a uma identidade coletiva capaz de gerar “atitudes de lealdade e apego por parte dos habitantes.”¹⁴

A escolha pelo estudo da história local não significa uma simplificação do número de aspectos e variantes do enredo social, ao contrário, o local pode levar a construção de novos elementos que marquem as experiências históricas. Assim cada

¹¹ BRANDÃO, Carlos R. **Sacerdote de viola**. Petrópolis, 1980, p.122.

¹² FREIRE, G. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo. 1950, p. 169.

¹³ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ. 1994. p.202

¹⁴ SILVA, Vera Alice Cardoso. Regionalismo: o Enfoque Metodológico e a Concepção Histórica. In SILVA, Marcos A. **República em Migalhas**: história regional e local. São Paulo. 1990 p.44-45.

detalhe, aparentemente insignificante numa busca de grandes acontecimentos, adquire imenso significado na rede de relações plurais dos múltiplos elementos de construção social. Da mesma forma, não se pode pensar a história local em oposição à história nacional, uma vez que a primeira envolve os processos sociais que perpassam comunidades regionais, nacionais e globais. Permite comparações, pois enquanto os estudos nacionais apontam à homogeneidade e semelhança, o estudo regional demonstra as particularidades, diferenças, rompendo com estereótipos historiográficos:

(...) o estudo regional oferece novas éticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.), a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social (...)¹⁵

Entendidos como milagres, as curas proclamados por Seu Martins Góis, ganharam grande dimensão na região, com grande repercussão. Como narra dona Maria Bernadete Souza:

Eu num andava, nem me mexia, parecia um bolo de carne em cima da cama, aí fui numa romaria pra Riachão dos Milagres, com mais 101 pessoa no dia 01 de junho de 75. Quando Martim Góis começou a reza e joga água em mim, na porta da igreja, eu saí me arrastano da entrada da igreja até o altar e todo mundo qui tava lá viu e o povo começou a reza, bate palma e chora pelo qui tava veno. Daí fiquei 3 ano e 2 meis lá ni Martim Góis e voltei boa, andano, só precisava me segura nas parede ou ni alguém. Meu vestido ta lá até hoje na sala de promessa.¹⁶

A cura descrita por dona Maria Bernadete demonstra a fé das pessoas ao procurar Seu Martins Góis para resolução dos males do corpo e do espírito. Mostra também a sacralização¹⁷ do espaço da igreja mencionada, que se apresenta como forte, significativa, diferenciando-a de outros espaços não-sagrados. Além da fé nas curas, nas intervenções realizadas por seu Martins Góis Silva, em nome do “Anjo São Gabriel”, as pessoas têm um forte respeito pela água aspergida por ele, vendo-a como benta especial e sagrada. A água tão santificada pelos que procuram as práticas de cura de Seu Martins

¹⁵ AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo e reconstruindo espaços. In SILVA, M, A.(org) **República em Migalhas**: história regional e local. São Paulo. 1990. p.12-13.

¹⁶ Depoimento de Dona Maria Bernadete de Souza, 52 anos, aposentada, residente zona urbana de Santo Antonio de Jesus. Entrevista realizada em 31/03/2008.

¹⁷ Conceito citado por Mircea Eliade em *O sagrado e o profano*.

Góis retrata o simbolismo aquático elucidado por Eliade quando defende a valorização religiosa das águas instaurada pelo cristianismo. Em sua obra *Imagens e Símbolos* ele menciona:

Para Tertuliano (de batismo, III-V), a água foi a primeira a ser “a sede do Espírito divino, que a preferiu, então, a os outros elementos... foi a água, antes de todos, que produziu o que tem a vida, a fim de que nossa surpresa acabe quando um dia ela der vida no batismo. Na formação do homem em si, Deus utilizará a água para acabar a sua obra... Toda água natural adquire logo, pela antiga prerrogativa com a qual ela foi honrada a sua origem, a virtude de santificação no sacramento, quando Deus é inovado para tanto. Assim que as palavras são pronunciadas, o Espírito Santo, que desceu dos céus, pára sobre as águas santificando-as por sua fecundidade: as águas, assim santificadas, impregnam-se por sua vez da virtude santificante... O que curava antes o corpo cura hoje a alma; o que procurava a saúde no tempo procura a salvação na eternidade.”¹⁸

A relação entre a água e milagre é muito profunda, à medida que as pessoas sentem a “cura” ou a “bênção” a través da água aspergida por seu Martins Góis Silva, na Igreja do Anjo Gabriel, em Dom Macedo Costa-Ba. Isso porque como foi mencionada acima, a simbologia da água que cura e santifica está interiorizada na religiosidade cristã desde os seus primórdios, pois o contato com a água sugere sempre uma regeneração, um renascimento, multiplicando o potencial da vida. “Em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas (...) lavam os pecados, purificam e ao mesmo tempo regeneram.”¹⁹

Por outro lado essas curas geram algumas polêmicas, pois algumas pessoas não acreditam ou não tiveram êxito ao procurar as práticas religiosas de Seu Martins Góis Silva. Como narra se Francisco da Silva Santos: “Eu tava com uma nebrina nas vista e me recomendaro esse tal de Martim Gói. Fui mais de 10 veis receber a tal benção com a água que curava e num vi resutado. Melhorei no dia que fui no oculista.”²⁰

No livreto com sua história pessoal “Salve o Mensageiro do Anjo São Gabriel”, são feitas alusões ao Padre Cícero e seus milagres: “Os milagres da missão do PADRE CÍCERO está realizando hoje pelo congregado MARIANO MARTINS GÓIS DA SILVA em Dom Macedo Costa, Estado da Bahia”.²¹

¹⁸ ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos - ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo. Martins Fontes. 2002.p.153.

¹⁹ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.107.

²⁰ Depoimento de Seu Francisco da Silva Santos, 71 anos, ex-lavrador, aposentado, morador da zona rural de Valença. Entrevista realizada em 14/05/2008.

²¹ Folheto Salve o Mensageiro do Anjo São Gabriel. P. 01.

Assim, logo no início da narração de sua história, é mencionada claramente no livreto uma continuidade aos milagres do Padre Cícero, pela figura de Seu Martins Góis, além do destaque de ser Congregado Mariano, dando indícios de devoção a Maria e de subordinação à Igreja Católica Apostólica Romana, a qual institucionalizou associações religiosas para leigos, a partir do século XVIII, para diminuir a influência local de alguns deles, resumindo-a apenas ao aspecto religioso. Sobre essa romanização do catolicismo popular brasileiro, afirma Rioland Azzi:

(...) O Apostolado da Oração, bem como as outras associações religiosas para leigos, como a Pia Associação das filhas de Maria, a Liga Católica, a Cruzada Eucarística, a Congregação Mariana e as Congregações Vicentinas. Embora sejam associações de leigos, sua direção está diretamente subordinada ao vigário, que estatutariamente faz parte da diretoria, e de fato, tem sob seu controle as decisões concernentes à entidade.²²

Para Rioland Azzi, a romanização do catolicismo brasileiro, aconteceu como uma estratégia dos bispos reformadores a partir do século XIX, transferindo o poder dos leigos para os clérigos, através das associações acima mencionadas, evitando dessa forma, o aparecimento de “messianismos” dentre os antigos líderes leigos, que necessitavam ser combatidos pelas forças policiais ou do exército federal.

Reportando-se ao folheto “Salve o Mensageiro do Anjo São Gabriel” de Seu Martins Góis Silva, percebe-se adiante outra alusão a Padre Cícero na mensagem recebida através do anjo Gabriel:

E sempre ele só se separava para todo mês mandar celebrar uma missa foi a onde lá que Deus achou o Congregado Mariano Martins Góis Silva devia a sua terra Natal. Para cumprir sua missão que foi por este determinada. Como o mensageiro do Anjo São Gabriel que ocorreu a voz no dia 30 de outubro de 1967. Em seu repouso que fizera 3 jejuns, ao Divino espírito Santo que daquele dia em diante não mais comesse carne, nem sal e não pensasse em casamento que ele tinha que cumprir uma missão que ocorrer ni Juazeiro pelo Padre Cícero para com os cegos, aleijados e tuberculosos. E assim ele tem que cumprir para Cristo.²³

Para Seu Martins Góis a mensagem recebida através do anjo, transformou totalmente sua vida: mudou-se de São Paulo onde trabalhava num hospital para a sua

²² AZZI, R. **Elementos para a história do catolicismo popular**. Revista Eclesiástica Brasileira, Vol. 36. Fasc. 141, Março de 1976, p. 122.

²³ Idem 20. p. 02.

terra natal, Dom Macedo Costa, cumprindo a profecia que lhe foi estabelecida. Considerando-se mensageiro do anjo Gabriel mais uma vez o senhor Martins Góis mostra-se subordinado a Igreja Católica. Segundo o bispo católico Dom Servilho Conti: “A Igreja Católica herdou do Antigo Testamento a devoção e veneração aos três arcanjos (Miguel, Rafael e Gabriel) e considera-os poderosos intercessores dos eleitos ao trono do Altíssimo”.²⁴

Assim como ocorre nos mais diversos santuários brasileiros, a busca incessante por bênçãos e curas se repete indiscutivelmente e de maneira mais fervorosa nas áreas rurais do Brasil, onde a fé e a crença nos santos têm presença marcada como parte do cotidiano de inúmeras dessas pessoas.

. O estudo mais aprofundado sobre a religiosidade local e suas práticas cotidianas, ajuda-nos a perceber não somente a simbologia dessas práticas, como também o universo sócio-cultural das pessoas envolvidas, mostrando questões relacionadas ao cotidiano das pessoas e as vivências de seus antepassados. Isso porque a história “da gente comum, vista a partir de baixo”²⁵, pode revelar minúcias imprescindíveis sobre a cultura e a religiosidade populares brasileira. Dessa forma, atentar para esse universo envolvendo a crença popular nas práticas de curas operadas por Seu Martins Góis Silva, significa esmiuçar práticas e simbolismos populares, extremamente complexos e divergentes também vivenciados em outros lugares e épocas de nosso país, ampliando os horizontes sobre a cultura religiosa popular brasileira.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: São Paulo: Cortez, 1999.

AZZI, Riolando. **Elementos para a história do catolicismo popular**. Revista Eclesiástica Brasileira, Vol. 36. Fasc. 141, Março de 1976.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. **Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Hemi Bérqson**. In: Margem/Revista da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP. São Paulo, nº 1, 1992.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

²⁴ CONTI, S. **O santo do dia**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 428.

²⁵ HOBBSAWM, E. **Sobre História: Ensaios**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo, 1998.p.216.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O festim dos bruxos**: estudos sobre a religião no Brasil. São Paulo: Ícone, 1987.

_____. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Sacerdote de viola**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Hibridismo cultural**. Trad. Leila Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Trad. de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis. In: ffjJNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 1

DURKHEIM, Emile. **Formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. p. 203-214.

HOBSBAWN, Eric. **Sobre História: Ensaios**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras. 1998. p. 216.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro**: 1550-1800. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

- JESUS, Elivaldo Souza de. **Gente de promessa de reza e de romaria**: experiências devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia. Dissertação (Mestrado em História) –FFCH / UFBA, Salvador, 2006
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, Século XIX - Uma Província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul**: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX Salvador: UNEB, 2002.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- REIS, José Carlos. **Annales**: A renovação da história. Ouro Preto: UFOG, 1996.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. (Org.) **Usos e Abusos da História Oral**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- SAMUEL, Raphael. **História Local e História Oral**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 9, nO 19, 1989/1990.
- SANCHIS, Pierre. **Arraial Festa de um Povo**: As Romarias Portuguesas. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SILVA, Marcos A. (Org.) **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1989.
- SIL VEIRA, Rosa Maria Godoy. Região e História: Questão de Método. In: SILVA, Marcos A. da. (Coord.) **República em Migalhas**: História Regional e Local. São Paulo, 1990.
- SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. **Memórias e Tradições**: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa - Bahia (1930-1960). Dissertação de Mestrado Interinstitucional em História Social. São Paulo. 1999.
- _____. **Curar, rezar e partejar**: cultura e poder no Recôncavo Sul da Bahia. In: Coleção de Idéias - Núcleo de Pesquisa e Extensão da UNEB - Campus V, vol. 1, Santo Antonio de Jesus/BA, 2003.
- SOUZA, Laura de Mello e Souza. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum:** Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES-LONDOÑO, Fernando. “Imaginária e devoções no catolicismo brasileiro”. In **Revista Projeto História**, nº 21. São Paulo: PUC- SP/Programa de Pós-Graduação em História, novembro de 2000.

VILLA, Marco Antonio. *Canudos: o povo da terra*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

WILLIAMS, Raymond. Conceitos básicos: Cultura, Dominante, Residual e Emergente. In. _____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.